

**ESCRITA E FORMAÇÃO INTELECTUAL EM UM MUNDO SEM DEUS: AS
PALAVRAS DE JEAN-PAUL SARTRE**

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo¹

L'écrivain 'engagé' sait que la parole est action: il sait que dévoiler c'est changer et qu'on ne peut dévoiler qu'en projetant de changer. Il a abandonné de rêve impossible de faire une peinture impartial de la Société et de la condition humaine. L'homme est l'être vis-à-vis de qui aucun être ne peut garder l'impartialité, même Dieu. Car Dieu, s'il existait, serait, como l'ont bien vu certains mystiques, en *situation* par rapport à l'homme.
Jean-Paul Sartre, *Qu'est-ce que la littérature?*

RESUMO: Sartre publica em 1964 *Les Mots*, sua autobiografia na qual rememora e examina todo o percurso da sua formação intelectual, refletindo sobre a importância e as possibilidades da escrita e acerca da situação do escritor, relatando como surgiu a sua paixão por ler e escrever, vendo ambos como o destino inescapável de todo intelectual. Quanto ao tema do presente trabalho, à proporção de seu apreço às palavras, Sartre, quando repudiou os valores da classe média materna e impôs a si a ideia de ser escritor, afirmou o seu ateísmo e encontrou seu refúgio no território da palavra escrita, concebendo a literatura como a sua própria emancipação.

Palavras-chave: Sartre, Ateísmo, Literatura, Escrita.

ABSTRACT: Sartre published in 1964 *Les Mots*, his autobiography in which recalls and examines the whole course of his intellectual development, reflecting on the importance and possibilities of writing and about the writer's situation, reporting how did your passion for reading and writing, watching both as inescapable destiny of every intellectual. On the subject of this study, the proportion of their appreciation to the words, Sartre, when repudiated the values of maternal middle class and has set itself the idea of being a writer, said his atheism and found his refuge in the territory word writing, designing literature as their own emancipation.

¹ Afiliação institucional: Bolsista PNPd-CAPES/UFS e professor colaborador do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: marceloprino_sp@hotmail.com.

Keywords: Sartre, Atheism, Literature, Writing.

No mesmo ano de sua recusa do prêmio Nobel e na sua suposta “despedida” da literatura, Sartre publica em 1964 *Les Mots*, escrito de cunho autobiográfico no qual o pensador francês passa em revista todo o percurso da sua formação intelectual, pensando a importância e as possibilidades da escrita. Rigorosa e lucidamente auscultando a sua infância e, ao mesmo tempo, com requintes de ironia, Sartre relata como surgiu a sua paixão por ler e escrever, vendo ambos como o destino inexorável de todo intelectual. Quando fala em termos de um projeto permanente de ser escritor, em “um mundo sem Deus”, segundo a expressão de Régis Debray, atribuiu à literatura um valor supremo². Incentivado por seu avô e preceptor intelectual Charles Schweitzer, Sartre tomando consciência da força da escrita, equiparando a pena a uma espada, ele retoma temas que foram objeto de sua reflexão em obras anteriores, mas curado de seu idealismo que consistia em entrever mais verdade nos livros do que nos próprios objetos. Contudo, quando fala da cultura nos tempos atuais, Sartre mostrando a situação do escritor como alguém impotente nem por isso entende que ele deva renunciar à sua tarefa, pois se a cultura não salva nem justifica ninguém, ela é eminentemente um produto do homem, e este, por sua vez, projeta-se e se identifica com ela, uma espécie de reflexo crítico que lhe mostra a sua própria imagem. No que concerne ao tema do presente trabalho, e se concordarmos com Gerd Bornheim, quando afirma que “a recusa de Deus perpassa toda a obra de Sartre”³ à medida que aprendeu o rigor, a disciplina e o amor às palavras, Sartre, da mesma forma que rejeitou os valores da classe média materna como impôs a si a ideia de ser escritor, afirmou o seu ateísmo e

2 A respeito do que seja um “projeto” Sartre afirma em *O Existencialismo é um Humanismo*: “De início, o homem é um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente ao invés de musgo, podridão ou couve-flor; nada existe antes desse projeto; não há nenhuma inteligibilidade no céu, e o homem apenas será o que ele projetou ser. Não o que ele quis ser, pois entendemos vulgarmente o querer como uma decisão consciente que, para quase todos nós, é posterior àquilo que fizemos de nós mesmos. Eu quero aderir a um partido, *escrever um livro*, casar-me, tudo isso são manifestações da escolha mais original, mais espontânea do que aquilo que chamamos de vontade”. SARTRE. *O existencialismo é um humanismo*, p. 6, itálicos meus.

3 BORNHEIM. *SARTRE*, p. 303.

encontrou seu refúgio nos meandros da palavra escrita, entendendo a literatura como a sua própria emancipação.

Na primeira parte d' *As palavras* intitulada "Lire", Sartre afirma: "Comecei a minha vida como hei de acabá-la, sem dúvida: no meio dos livros"⁴. Mesmo não sabendo ler, reverenciava as "pedras erigidas" na biblioteca de seu avô, perdendo-se dentre os inúmeros títulos e estilos literários ao seu dispor, tocando os livros "para honrar as minhas mãos com a sua poeira"⁵. Contudo, não sabendo o que fazer com os livros que tanto despertaram a sua admiração, o jovem Sartre limitava-se a observar como o seu avô "manejava esses objetos culturais com destreza de oficiante"⁶. O orgulho de ser neto de alguém que era especializado na própria arte de fazer livros, na "confeção de objetos sagrados"⁷ fazia com que o menino deslumbrado diante do universo literário que o absorvia paulatinamente tomasse consciência do respeito suscitado por uma tal profissão tanto quanto "um fabricante de órgãos, quanto um alfaiate de eclesiástico"⁸. Sartre cita um acontecimento a respeito do ódio do avô por seu editor, quando recebia por correio a quantia correspondente a seus direitos autorais, imprecando contra a parte que lhe fôra correspondente. Daí uma descoberta inesperada: a exploração do homem pelo homem, manifestada na relação entre o avô e seu editor, abominação a qual fortalecia na infância do pensador francês o respeito por seu preceptor: "Meu respeito por aquele santo homem cujo devotamento não obtinha recompensa: fui preparado desde cedo a tratar o magistério como um sacerdócio e a literatura como uma paixão"⁹ Como um errante vasculhando todos os cantos da biblioteca, o menino vesgo "assaltava a sabedoria humana. Foi ela quem me fez".

4 Sartre. *As palavras*, p. 30.

5 Idem.

6 Idem. Sartre assim descreve: "Eu o vi milhares de vezes levantar-se com ar ausente, contornar a mesa, atravessar o aposento com duas pernadas, apanhar um volume sem hesitar, sem se dar ao tempo de escolher, folheá-lo, enquanto voltava à poltrona, com um movimento de polegar e do índice, e depois, tão logo sentado, abri-lo com um golpe seco 'na página certa', fazendo-o estalar como um sapato. Às vezes eu me aproximava a fim de observar aquelas caixas que se fendiam como ostras e descobria a nudez de seus órgãos interiores, folhas amareladas e emboloradas, ligeiramente intumescidas, cobertas de vênulas negras, que bebiam tinta e recendiam a cogumelo". Idem.

7 Idem, p. 32.

8 Idem.

9 Idem, p. 33.

Confidenciando-se ao leitor, Sartre menciona que nos livros estaria o seu porto seguro, levando-o à indistinção entre a experiência obtida através da leitura e o curso das coisas mundanas, confusão a qual exigiu-lhe um tempo considerável para libertar-se do idealismo que o fazia depositar uma confiança absoluta na palavra escrita, quando atribuiu a ela um *status de* verdade absoluta: “Foi nos livros que encontrei o universo: assimilado, classificado, rotulado, pensado e ainda temível; confundi a desordem de minhas experiências livrescas com o curso aventuroso dos acontecimentos reais. Daí veio esse idealismo de que gastei trinta anos para me desfazer”¹⁰.

Captando por meio da leitura a riqueza e o poder das palavras, já que o “olhar trabalhava as palavras” sendo preciso “experimentá-las, decidir sobre seu sentido”¹¹. Sartre afirma que teria sido tomado por uma estranha sensação de tristeza e de derrocada de toda uma vida por meio do discurso oriunda de histórias absurdas as quais nem sequer lhe concerniam. Assimilando o verbo pela imagem, sua salvação consistiria em ver a incongruência entre ambos¹². Perdido no emaranhado das palavras, pensava ter

10 Idem. Na primeira oportunidade de escapar do tédio característico dos círculos sociais, Sartre descreve o seu mergulho no oceano literário que para ele era sinônimo de vida, de vertigem e, até mesmo, de inumanidade: “Nossos visitantes despediam-se, eu ficava só, evadia-me deste cemitério banal, ia juntar-me à vida, à loucura nos livros. Bastava-me abrir um deles para redescobrir esse pensamento inumano, inquieto, cujas pompas e trevas ultrapassavam meu entendimento, que saltava de uma ideia à outra, tão depressa que eu largava a presa cem vezes por página, deixando-a escapular, aturcido, perdido. Eu assistia a acontecimentos que meu avô julgaria certamente inverossímeis e que, não obstante, possuíam a deslumbrante verdade das coisas escritas”. Idem, p. 39.

11 Idem, p. 53. Sentido o qual Sartre tentou descobrir sob a palavra “puto”, destinada a um professor que ele tinha a maior estima nos seus tempos de escola: “Um dia, descobri uma inscrição recente no muro da Escola; aproximei-me e li: ‘O pai Barrault é um putó’. Meu coração bateu quase a romper-se; o estupor pregou-me no lugar; fiquei com medo. ‘Putó’, isso só podia ser uma dessas palavras feias que pululavam nos bas-fonds do vocabulário e com as quais uma criança bem-educada nunca se depara; curta e brutal, possuía a horrível simplicidade das bestas elementares. Já era demais lê-la: jurei não pronunciá-la, ainda que em voz baixa. Eu não queria que aquela ideia negra agarrada à parede saltasse para a minha boca a fim de se metamorfosear no fundo de minha garganta em negra clarinada. Se eu fizesse cara de que não a notara talvez ela reentrasse num buraco de parede. Mas quando desviava o olhar, era pra encontrar a infame denominação: ‘o pai Barrault’, que me aterrava mais ainda: na palavra ‘putó’, afinal de contas, eu me limitava a adivinhar o sentido”. Idem, p. 59.

12 Comparar com a diferença estabelecida por Sartre, em *Qu'est-ce que la littérature?*, tanto de forma como de conteúdo, no que concerne à expressão por meio de palavras: “Sem dúvida também as artes de uma mesma época se influenciam mutuamente e são condicionadas pelos mesmos fatores sociais. Mas aqueles que querem mostrar a absurdidade de uma teoria literária mostrando que ela é inaplicável à música devem provar, antes de tudo, que as artes são paralelas. Logo, esse paralelismo não existe. Aqui, como em toda parte, não é só a forma que diferencia, mas também a matéria; e é uma coisa trabalhar sobre cores e sons, outra é se exprimir por palavras”. Idem, p.13-14.

chegado à descoberta da linguagem em seu estado original, desprovida de qualquer humanidade. A essa altura, vendo o neto tomado pelo vício da leitura, o avô-tutor do filósofo francês viu que chegara o momento de seu neto libertar-se a partir do momento em que, já na infância, questionava a respeito do conteúdo de uma obra literária como em relação a quem escreve, e principalmente indagava-se sobre a situação do escritor.¹³ Vejamos segundo as próprias palavras de Sartre:

Eu introduzia em minha cabeça, pelos olhos, palavras venenosas, infinitamente mais ricas do que eu pensava; uma força estranha recompunha em mim, pelo discurso, histórias de loucos furiosos que não me concerniam, uma tristeza atroz, a ruína de uma vida: não ia eu contaminar-me, morrer envenenado? Absorvendo o Verbo, absorvido pela imagem, eu só me salvava, em suma, pela incompatibilidade desses dois perigos simultâneos. Ao cair do dia, perdido numa selva de palavras, estremeando ao menor ruído, tomando os estalos do assoalho por interjeições, acreditava descobrir a linguagem em estado natural, sem os homens. Com que covarde alívio, com que ilusão, reencontrava a banalidade familiar quando minha mãe entrava e acendia a luz exclamando: ‘Meu pobre benzinho, assim você arranca os olhos!’ Esgazeado, eu saltava em pé, gritava, corria bancava o palhaço. Mas até mesmo nessa infância reconquistada, eu me amofinava: *de que* falam os livros? Quem os escreve? Por quê? Revelei minhas inquietações ao meu avô, que, depois de refletir, julgou chegada a hora de me libertar e o fez tão bem que me marcou¹⁴.

Sartre traz à baila novamente n’*As Palavras* questões sobre as quais se debruçara desde 1948, em *Qu’est-ce que la littérature?* a saber, a reflexão e investigação concernentes que vão desde ao conteúdo da literatura até o que leva alguém a ser escritor. Mas, para além desses questionamentos súbitos sobre o que é ler ou escrever, ou ler e escrever, Sartre encarava o livro como algo sacro, categoricamente afirmando: “eu achara a minha religião: nada me pareceu mais importante do que um

13 Temas outrora trabalhados por Sartre em suas reflexões sobre a literatura, já em 1948. Ver os títulos dos capítulos de *Qu’est-ce que la littérature?*: “Qu’est qu’écrire?”, “Porquoi écrire?” e “Pour qui écrit-on?”.

14 SARTRE. *As palavras*, p. 42-43 (itálicos do autor).

livro. Na biblioteca, eu via um templo”¹⁵. No sexto andar de um edifício em Paris com vista para os telhados, Sartre encontrara seu lugar natural, fixando-o à altitude, sendo “a infância é que decide”¹⁶. Foi nesse local privilegiado, simbolicamente, que ele recuperava a sua alegria, olhando os outros de cima, deslumbrado com as *Belles-Lettres*, subjugando o próprio universo e entendendo que todas as coisas exigiam um nome. Mais do que isso, a atribuição de nomes a coisas sendo equiparada à criação e posse das mesmas, foi o que o filósofo francês a escrever: “(...) reconquistava o meu sexto andar simbólico, volvia a respirar o ar rarefeito das Belas-Letras, o Universo se escalonava a meus pés e toda coisa solicitava humildemente um nome; atribui-lo era ao mesmo tempo criá-la e tomá-la. Sem essa ilusão capital, eu jamais teria escrito”¹⁷.

Corrigindo o seu manuscrito em 1963, aos 58 anos, Sartre reavalia a sua posição de escritor. Em sua infância, querendo obter o merecimento de uma posição elevada, constatara que o seu apreço por lugares altos era resultado direto de sua ambição pela verdade, para compensar a sua altura¹⁸. Entretanto, a questão não era mais estar em um local mais elevado, pois não era questão de querer estar acima da humanidade, e sim em permanecer no simulacro da altitude das próprias coisas. Posteriormente, fez-se necessária a descida ao fundo, descompassando o altímetro do simulacro das coisas e a realidade das mesmas, oscilando entre o hábito de estar nas alturas e a desesperança em relação ao poder das palavras, derivada da investigação a fundo da própria realidade:

Mas não; o problema não era trepar em minha árvore sagrada: eu já estava nela, recusava-me a descer; não se tratava de me colocar acima dos homens: eu queria viver em pleno éter entre os simulacros aéreos das Coisas. Mais tarde, longe de me agarrar a balões, pus todo o meu zelo em ir ao fundo: foi preciso

15 Idem, p. 44.

16 Idem, p. 45.

17 Idem.

18 “Hoje, 22 de abril de 1963, corrijo este manuscrito no décimo andar de uma casa nova: pela janela aberta, diviso um cemitério, Paris, as colinas de Saint-Cloud, azuis. É dizer minha obstinação. Tudo mudou, no entanto. Criança, quisesse eu merecer esta posição elevada, cumpriria ver em meus gostos pelos pombais um efeito de minha ambição da verdade, uma compensação por minha pequena estatura”. Idem, p. 45.

calçar solas de chumbo. Por sorte, aconteceu-me às vezes roçar sobre areias nuas, em espécies submarinas cujo nome me competia inventar. Outras vezes, não havia o que fazer: uma irresistível leveza me retinha à superfície. Por fim, meu altímetro se desarranjou: sou ora ludião, ora escafandrista, e amiúde em ambas as coisas juntas como convém em nossa especialidade: moro no ar por hábito e fuço o chão sem muita esperança¹⁹.

No seio da “Comédia familiar” tantas vezes mencionada por Sartre n’*As Palavras*, a qual lhe “subtraía o mundo e os homens”²⁰ ele via-se como um “verme sem fé, sem lei, sem razão nem fim, (...) rodando, correndo, voando de impostura em impostura”²¹. O que lhe ensinavam como felicidade, na verdade, não passava de um enorme fastio, culminando em um desamparo²² latente, porém, inominável e impossível de ver devido aos pares que o cercavam: “No meu desamparo nunca penso; primeiro não há palavra para nomeá-lo; além disso, não o vejo: os outros não param de me cercar. É a trama de minha vida, o tecido de meus prazeres, a carne de meus pensamentos”²³. Uma alternativa para erradicar esse desamparo seria um deus, se ele

19 SARTRE. *As palavras*, p.45-46.

20 Idem, p. 62.

21 Idem, p. 68.

22 Cf. a exemplificação sartreana de desamparo n’O existencialismo é um humanismo: “Tentarei dar-lhes um exemplo que permita compreender melhor o desamparo; contarei o caso de um dos meus alunos, que veio procurar-me nas seguintes circunstâncias: o pai estava brigado com a mãe e tinha tendências colaboracionistas; o irmão mais velho morrera durante a ofensiva de 1940; e esse jovem, com sentimentos um pouco primitivos mas generosos, desejava vingá-lo. A mãe vivia só com ele, muito perturbada pela semitração do pai e pela morte do filhos mais velho, e ele era o seu único consolo. Esse jovem tinha, naquele momento, a seguinte escolha: partir para a Inglaterra e alistar-se nas Forças Francesas Livres, ou seja, abandonar a mãe, ou permanecer com a mãe e ajudá-la a viver. Ele tinha consciência de que a mãe só vivia em função dele e que o seu desaparecimento, talvez a sua morte a mergulharia no desespero. Tinha também a consciência de que, no fundo, cada ato que ele fazia em relação à mãe tinha uma resposta concreta, no sentido de que ele a ajudava a viver, enquanto cada ato que ele fizesse para partir e combater seria ambíguo, poderia perder-se na areia, não servir para nada; por exemplo: partindo para a Inglaterra, ele poderia permanecer indefinidamente num campo espanhol ao passar pela Espanha; poderia chegar à Inglaterra, ou a Argel, e ser colocado num escritório preenchendo papeis. Encontrava-se assim perante dois tipos de ação muito diferentes; uma dela concreta, imediata, porém, dirigida a um só indivíduo; a outra, dirigida a um conjunto infinitamente mais vasto, uma coletividade nacional, mas, por isso mesmo, ambígua, e podendo ser interrompida a meio caminho. Simultaneamente, ele hesitava entre dois tipos de moral. De um lado, uma moral da simpatia, da devoção individual; e, de outro lado, uma moral mais ampla, mas de uma eficácia mais contestável. Precisava escolher entre uma das duas. Quem poderia ajudá-lo a escolher? A doutrina cristã? Não”. SARTRE. *O existencialismo é um humanismo*, p. 10.

23 SARTRE. *As palavras*, p. 69.

revelasse seus desígnios e a necessidade de acreditar nele. Sartre confessa que ainda na infância estava predisposto à religião, aguardava-a, a via como a sua cura, pois sendo educado em um meio católico, ensinaram-lhe que esse ser onipotente o criara visando à sua glória.²⁴ Mais tarde, essa imagem de uma divindade foi questionada, fazendo ver a inutilidade de reverenciar a algo sem crer nesse algo e a amargura proporcionada em se buscar uma fé através de uma doutrina hegemônica. Contudo, Sartre afirma que a sorte neste momento lhe acenou justamente pelo desdém por tal busca:

Mas, posteriormente, no Deus *fashionable* [elegante] que me ensinaram, não mais reconheci aquele que minha alma aguardava: eu precisava de um Criador, davam-me um Grande Patrão; os dois não eram senão um, mas eu o ignorava; eu servia sem calor o Ídolo fariseu e a doutrina oficial me desgostava de procurar minha própria fé. Que sorte! Confiança e desolação convertiam minha alma num campo de eleição para semear o céu: sem este desdém, eu seria monge²⁵.

Sartre aponta para o fenômeno de descristianização surgido na alta burguesia, o qual levou um certo tempo para propagar-se em todos os setores sociais, um enfraquecimento da fé que, uma vez inexistente, não seriam permitidos matrimônios oficiais entre católicos e protestantes, e o exemplo disso é o próprio Sartre, que nasceu em uma família burguesa de origem alsaciana, dividida entre o catolicismo e o protestantismo. Se a crença de seus familiares era caracterizada por uma certa discrição, contudo, “em nosso meio, em minha família, a fé não passava de um nome de aparato para a suave liberdade francesa”²⁶. Entretanto, a imagem do ateu ainda estava eivada de rótulos, denominado como um indivíduo torpe e desarrazoado:

24 “Deus poderia livrar-me do apuro: eu teria sido uma obra-prima assinada; certo de contar com a minha parte no concerto universal, teria esperado pacientemente que Ele me revelasse seus desígnios e minha necessidade. Eu pressentia a religião, estava à sua espera, era o remédio. Se ela me tivesse sido recusada, eu próprio inventá-la-ia. Não me foi recusada: educado na fé católica, aprendi que o Todo-Poderoso me criara para a sua maior glória: era mais do que eu ousava sonhar”. Idem, p. 71.

25 Idem.

26 Idem, p. 72. Na continuação da passagem, Sartre afirma que “(...) haviam-me batizado, como a tantos outros, a fim de preservar minha independência: negando-me o batismo, temiam violentar a minha alma; católico registrado, eu era livre, eu era normal: ‘Mais tarde’, diziam, ‘poderá fazer o que quiser’. Julgava-se então muito mais difícil ganhar a fé do que perdê-la” (Idem, pp. 72-73).

Sete ou oito anos depois após o ministério Combes, a descrença declarada conservava a violência e o desalinho da paixão; um ateu era um original, um furioso que não se convidava a jantar pelo receio de que ‘fizesse uma surtida’, um fanático atravancado de tabus que recusava a si próprio o direito de ajoelhar-se nas igrejas, de casar aí suas filhas e aí chorar deliciosamente, que se obrigava a provar a verdade de sua doutrina pela pureza de seus costumes, que se encarniçava contra si mesmo e contra sua felicidade a ponto de se privar do meio de morrer consolado, um maníaco de Deus que via em toda parte. Sua ausência e que não conseguia abrir a boca sem pronunciar Seu nome; em suma, um senhor que tinha convicções religiosas²⁷.

Nessa perspectiva, Sartre opõe ironicamente um ateu convicto de suas ideias ao crente que não possui convicção religiosa alguma, mesmo que no decorrer dos tempos as certezas do cristianismo haveriam de serem constatadas e pertencentes a todos, seja ela vista num brilho do olhar de um religioso, seja pelo mosaico de cores formado nos vitrais de uma igreja quando penetram raios solares. A tais certezas, bastando que iluminassem as almas e sendo de caráter público, a “boa Sociedade acreditava em Deus para não falar d’Ele. Como a religião parecia tolerante!²⁸”. Ironicamente, Sartre relata como o seu avô, de origem protestante não hesitava em ridicularizar o catolicismo quando tinha oportunidade, e “suas palavras à mesa assemelhavam-se a de Lutero”²⁹. Já a sua avó, ouvindo as sandices sobre os santos proferidas por seu marido, ela fazia semblante de reprovação, chamando-o de incrédulo, mas o seu sorriso cínico destoava de suas palavras, deixando a entender que “ela não acreditava em nada; apenas seu ceticismo a impedia de ser ateia”³⁰. A sua mãe, por sua vez, tinha o seu deus pessoal, evitando contendas dessa estirpe, contentando-se em ser consolada em segredo. Nessa altura, Sartre via toda essa discussão religiosa enfraquecida em sua mente e, mesmo entre o espírito de crítica do protestantismo e o

27 SARTRE. *As palavras*, p. 72.

28 Idem.

29 Idem, p. 73.

30 Idem, p. 74.

espírito de submissão católico, algo o fazia questionar sucessivamente todo e qualquer dogma. No final das contas, segundo Sartre todo esse debate o entediava, e o que reforçou a sua descrença foi mais o indiferentismo dos seus avós do que propriamente conflitos doutrinários. A despeito de tudo isso, Sartre “acreditava: de camisola, de joelhos sobre a cama, com as mãos juntas, fazia todos os dias a oração, mas pensava cada vez menos frequentemente no bom Deus”³¹.

Sartre cita um exemplo do apogeu do enfraquecimento, senão da erradicação de sua crença. Sua mãe o levava um dia por semana a uma instituição religiosa para participar de um curso de instrução doutrinária. A imagem dos padres excitada em seu imaginário por seu avô devido a seu anticlericalismo radical fizera com que seu neto ficasse no mais absoluto mal-estar, uma vez começado o curso³². Quanto ao próprio Sartre, ele não nutria nenhum sentimento hostil quanto aos padres, pois seu avô os detestava por ele. Contudo, se foi o seu avô o responsável por confiá-lo a um padre de sua confiança a ser o depositário da continuação de uma doutrina oficial, era só chegar em casa que o velho não perdia a oportunidade de zombar do neto. Desse modo, precisamente nesse momento, “esta decepção me afundou na impiedade” sendo que depois de tal episódio fatídico, “durante muitos anos ainda, entretive relações públicas com o Todo-Poderoso; na intimidade, deixei de frequentá-lo”³³. Um outro exemplo citado pelo filósofo francês foi uma vez que ele supostamente “experimentou” a sensação de que um deus existia: brincando com fósforos, acabou queimando um tapete, e quando tentava esconder seu crime, lá estava a divindade “vendo” todo o ocorrido, fazendo com que ele entrasse em pânico no banheiro, simplesmente vulnerável. Entretanto, “a indignação me salvou: enfureci-me contra tão grosseira indiscrição, blasfemei, murmurei como meu avô: ‘Maldito nome de Deus, nome de Deus, nome de Deus’. Nunca mais ele me contemplou”³⁴. Desses exemplos acima citados, o que é

31 Idem.

32 “Charles Schweitzer respeitava o Padre Dibildos – um ‘homem de bem!’ – a quem conhecia pessoalmente, mas seu anticlericalismo era tão declarado que eu transpunha o portão do curso com a sensação de penetrar em território inimigo”. Idem, p. 74.

33 Idem, p. 75.

34 Idem.

possível extrair? Segundo Sartre, a constatação da mais inequívoca rejeição da necessidade de um deus, uma vez que ele lhe foi apresentado, recebido, mas sem entender realmente o que se buscava: “Acabo de contar a história de uma vocação falhada: eu tinha necessidade de Deus, ele me foi dado, eu o recebi, sem compreender o que procurava. Por não deitar raiz em meu coração, vegetou em mim algum tempo, depois morreu”³⁵.

Na segunda parte d’*As palavras* intitulada “Écrire”, chegando ao final do escrito, Sartre recapitula a sua autobiografia e o que levou a tornar-se escritor. Ele era uma criança fugidia, submetida às forças externas, foi criado de acordo com uma concepção antiquada de cultura, que no máximo fazia vir à tona a religião que serviu de modelo educacional: “Ensinavam-me História Sagrada, Evangelho, catecismo, sem me dar os meios de crer: o resultado foi uma desordem que se tornou a minha ordem particular”³⁶. O filósofo francês afirma que, devido à sua dupla pertença confessional católica e protestante, não pudera acreditar em divindades, pois todas eram chamadas por seus nomes. Entretanto, quando pensava em enveredar pela literatura, percebera que uma crença humilde se metamorfoseou em uma pretenciosa evidência de predestinação, já que deduzia sua eleição somente do fato de ser cristão. “Eu crescia, erva abandonada, na terra da catolicidade, minhas raízes sorviam aí os sumos e eu os transformava em minha seiva. Daí procede esta lúcida cegueira de que sofri trinta anos”³⁷. Narrando um episódio acontecido em La Rochelle, durante a demora dos amigos em chegarem ao seu encontro, para distrair-se, Sartre resolve pensar em um ser onipotente, porém, mirando o céu azul, chega à conclusão cabal: “ele não existe, disse eu a mim mesmo, com espanto de polidez, e julguei que o caso estava encerrado. De certa maneira, estava, visto que nunca mais, depois disso, senti a menor tentação de ressuscitar o Todo-Poderoso”³⁸. Sartre afirma ter tido grande dificuldade em se desvencilhar, quando inculcadas na

35 Sartre continua a passagem com uma certa dose de humor: “Hoje, quando me falam d’Ele, digo com o divertimento sem mágoa de um velho bonitão que encontra uma antiga beleza: ‘Há cinquenta anos, sem aquele mal-entendido, sem aquele menosprezo, sem o acidente que nos separou, poderia ter havido algo entre nós’”. Idem.

36 Idem, p. 179.

37 Idem, p. 180.

38 Idem.

mente, de noções distorcidas que ele usava para se compreender, se situar e se justificar. Assim ele afirma: “Escrever foi durante muito tempo pedir à Morte, à Religião sob uma máscara, que arrancassem minha vida ao acaso. Fui de Igreja. Militante, quis salvar-me pelas obras; místico, tentei desvelar o silêncio do ser por um sussurrar contrariado de palavras e, sobretudo, confundi as coisas com os nomes: isto é crer³⁹”. Contudo, Sartre afirma a sua mudança: foram dissipadas as imagens enganadoras que o envolviam, quando descobriu a razão de pensar ordenadamente contra si próprio, tomando a evidência de uma coisa pelo desgosto que ela causava. Ele conclui: “A ilusão retrospectiva está reduzida a migalhas; martírio, salvação, imortalidade, tudo se deteriora, o edifício cai em ruínas, catei o Espírito Santo nas caves e o expulsei delas; o ateísmo é uma empresa cruel e de longo fôlego: creio tê-la levado até o fim⁴⁰”. Foi a essa altura de seu trajeto intelectual que Sartre viu o desengano e conheceu melhor as suas tarefas, pois, segundo ele mesmo, há tempos é um homem que desperta de uma insanidade longa e angustiante, porém, quando revisitou seu próprio passado, fazia troça de seus antigos erros, não sabendo mais o que fazer da vida⁴¹. Todavia, libertar-se dos erros não é abdicar de escrever, pois é só o que resta a ser feito: “Desinvesti, mas não me evadi: escrevo sempre. Que outra coisa fazer? [...] É meu hábito e meu ofício. Durante muito tempo tomei a pena como espada: agora conheço a nossa impotência. Não importa: faço e farei livros; são necessários; sempre servem, apesar de tudo⁴²”.

Referências

BORNHEIM, G. *Sartre*. São Paulo: Perspectiva, 2005 (Coleção “Debates”, 36.)

39 Idem.

40 Idem, p. 181.

41 “Voltei a ser o viajante sem passagem que eu era aos sete anos: o condutor entra no meu compartimento, ele me fita, menos severo que outrora: na realidade, só deseja ir embora, deixar-me concluir a viagem em paz; basta que lhe dê uma desculpa válida, não importa qual, ele a aceitará. Infelizmente não acho nenhuma e, aliás, não tenho mesmo vontade de procurá-la: ficaremos a sós um com o outro, no mal-estar, até Dijon, onde bem sei que ninguém me espera”. Idem, p. 182.

42 Idem.

COHEN-SOLAL, A. *Sartre: uma biografia*. Trad. de Milton Persson. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. Trad. de J. Guinsburg. 6ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Qu'est-ce que la littérature*. Paris: Éditions Gallimard, 1948.

_____. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. de Rita Correia Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1978 (Coleção “Os Pensadores”).